

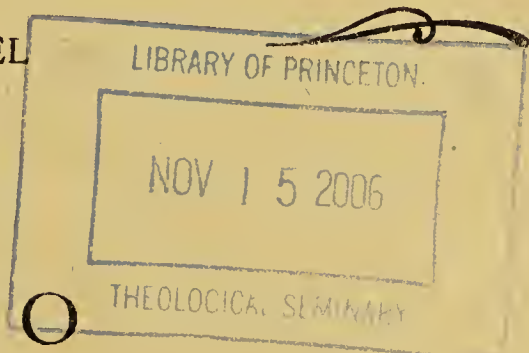
Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

A Morte não muda o caráter do homem	<i>De "Two Worlds"</i>
Psicopiroforia — Um raro Fenômeno Espírita	<i>Cícero Pimentel</i>
O Último Desprendimento	<i>Carlos Imbassahy</i>
Semana Santa	<i>Italo Ferreira</i>
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard	<i>V. O. Casella</i>
A Realidade Humana	<i>Philemon</i>
Hipnose e Espiritismo	<i>Osmard Andrade</i>
Viagem Espírita em 1862	<i>Cícero Pimentel</i>
Rui Barbosa e o Espiritismo	<i>Jorge Rizzini</i>
Serões Bíblicos	<i>Luiz Caramaschi</i>
No Caso Arigó, o Fenômeno fala...	<i>Sergio Valle</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.\$ 260,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.\$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço : cr.\$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço : Cr.\$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

pelo Reembolso Postal

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memórias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Scrâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantis:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

A Morte não muda o caráter do homem

De «Two Worlds»

MAGISTRAL ENSINO DA FILOSOFIA ESPÍRITA

Qual o destino que espera o homem no outro-mundo? Existem céus e infernos? O homem será julgado? Existe relação entre sua vida presente e futura?

O Espiritismo ensina que o homem no mundo futuro é essencialmente o mesmo que foi nesta vida, com todos os seus característicos pessoais, de qualidades boas e más. De modo algum a morte muda o caráter do homem.

A morte somente está relacionada à forma externa. O homem real — o espírito e mente do indivíduo, juntamente com seu corpo espiritual, permanece o mesmo como o foi antes da morte, com tôdas suas deficiências e virtudes.

Segue-se que as únicas recompensas que o homem recebe no mundo próximo, pelos atos praticados neste mundo, são as que estão contidas no caráter e constituição mental do próprio indivíduo, como resultado natural dos atos praticados.

Se as ações foram boas, êle receberá a recompensa pelas mesmas, no mundo próximo, assim como já as recebe neste mundo, na excelência do caráter que naturalmente resulta das boas ações. Se as ações foram más, o indi-

víduo será punido pelas mesmas, colhendo um caráter máu imperfeito no mundo espiritual, exatamente como já acontece neste mundo, onde colhe a consequência das más ações.

«Como semeardes, assim colhereis» é pelo Espiritismo interpretado como extensivo ao mundo espiritual, com respeito às ações do homem, cometidas aqui na terra.

O ÚNICO JUIZ — Não existe o Deus colérico ou irado a julgar as ações do homem após a morte do corpo, e nem punições externas a serem aplicadas pelas más ações praticadas, quando no corpo. O único juiz a julgar as ações do homem no mundo vindouro é a sua própria mente e consciência que, como um juiz real, efetivamente o condena ou recompensa pelas ações praticadas quando encarnado.

Contudo, nenhum juiz poderia mais efetivamente julgar um homem no mundo espiritual do que sua própria consciência e sentir os efeitos de seus atos sobre seu próprio caráter e constituição espiritual.

O reconhecimento da indignidade e da constituição imperfeita e mal formada pelos crimes cometidos, afasta o indivíduo, no mundo espiritual, da sociedade dos bons e felizes, e o forçam a procurar a sociedade de seu nível,

com mentes de igual imperfeição e más tendências.

Nesse estado leva uma vida de miséria até que, pelo progresso, êle vence suas más propensões e se torna apto a se associar a mentes de natureza mais elevada.

INFERNOS TEMPORÁRIOS — No Espiritismo é esta a significação de planos ou esferas. Planos ou esferas são simplesmente as associações naturais de pessoas de iguais mentes e interêsses do mundo espiritual. Podemos denominar «céus» as esferas e planos mais elevados, enquanto que os imperfeitos, inferiores, em que estão agrupados todos os membros imperfeitos ou máus do mundo espiritual, podemos denominar «infernos».

Estes dois termos simplesmente representam dois gráus ou extremos do progresso e desenvolvimento mental. As esferas inferiores do mundo espiritual são diferentes do «inferno» dos Cristãos, por serem simplesmente um estado temporário em que o espírito aprende a vencer sua imperfeição e, assim, avançar para as regiões superiores.

PARA BANIR O MAL — O Espiritismo considera todo o mal como simples imperfeição e sustenta que essencialmente o mal ou o estado pecaminoso não existe no universo. Todo o chamado mal será depois transformado em bem. E como nada existe essencialmente mau, assim nada há essencialmente pecaminoso.

O homem pode cometer êrros e pecados no sentido de agir contra ou violar a lei divina; mas isto não é o resultado de sua natureza má ou pecaminosa, mas sim o resultado de sua imperfeição e ignorância. Quando isso fôr removido, também ficarão removidos o mal e o pecado.

O Espiritismo afirma que o homem é essencialmente bom em sua natureza e não tem «pecado original», ou outro pelo qual é responsável, exceto os que comete pela ignorância cujos resultados êle pagará nos efeitos imediatos de seu caráter próprio.

O Espiritismo não admite a «perdição» do homem ou que exista alguma necessidade de ser «salvo». São estas tôdas as doutrinas forjadas pelos homens. A idéia de entrar no céu, e es-

capar à penalidade natural por seus atos máus, professando alguma crênça, aceitando Cristo como nosso Salvador, esta idéia é inteiramente destituída de sentido para o Espiritismo.

Todos os homens entrarão no «céu», ou mundo espiritual, igualmente bem, não importa sua crênça, pois é lei natural entrarem todos os homens no mundo espiritual depois da morte, independente de seus credos. Lá chegados, êles tomam seu lugar na «mansão do céu», de acôrdo com a bondade inerente, ou maldade, exceto, naturalmente, se êsses mesmos credos têm efeito direto sôbre o caráter.

NINGUÉM SE PERDE — A aceitação de qualquer espécie de credo com o fim de ser salvo é, por isso, perfeitamente sem sentido. Ninguém se perderá e nenhum será salvo.

Naturalmente o Espiritismo aceita uma lei moral, que êle define a lei divina do universo e que afirma ser operante em todo corpo organizado, inclusive o organismo e espírito do homem.

Na natureza, abaixo do homem, esta lei se manifesta pelo instinto e desejo insciênte; mas na mente do homem esta lei é sentida conscientemente e é o que experimentamos como consciência e o sentido da retidão e êrro. Esta lei moral é a vontade de Deus, que nasce em todos os sêres organizados e os impele ao desenvolvimento e perfeição.

A lei moral não é algo aparte do homem — não é lei imposta do exterior — porém é o desejo inerente e propósito do próprio espírito, que, em outro sentido, é o Próprio Juiz.

LEI DE PROGRESSO — A lei do progresso é uma das maiores verdades do Espiritismo. Outras filosofias ensinam a lei do progresso de alguma forma, mas não no sentido por que o Espiritismo o apregoa.

O Espiritismo encara a lei do progresso como uma lei definitiva e atual no universo que invariavelmente leva todos para esferas mais elevadas de desenvolvimento e perfeição.

Em sua natureza íntima, esta lei do progresso simplesmente é expressão do desígnio e propósito de Deus.

A lei do progresso, segundo o Espiritismo, é universal e está contida na

própria estrutura de todos os organismos, como sua alma inerente a atividade criadora. Cada organismo e cada pessoa, por isso, está ligada ao progresso, pois êste é simplesmente a elaboração e cumprimento do seu propósito e destino.

Cada organismo na natureza, segundo o Espiritismo e Platão, é no fundo a incorporação e expressão da idéia divina que, como centro de fôrça divina, ativo e criador, está sempre procurando dar expressão externa à sua energia e criações íntimas.

E' preciso que a semente germine e faça surgir a planta perfeita, porque tudo isso se continha em forma ideal na semente. A planta aperfeiçoada é simplesmente a expressão das fôrças intencionais contidas na semente.

Do mesmo modo, necessário é para a alma humana crescer e desenvolver suas potencialidades, porque assim fazendo, ela simplesmente dá expressão às fôrças inteligentes e desejos nela inerentes.

A mente divina dotou todos os organismos, na Natureza, com o necessário poder criador para a plenitude e realizar a idéia ou propósito nêles contidas, e não há razão para acreditar que ela fez exceção no caso da alma humana.

Ensina o Espiritismo: a lei do pro-

gresso referente aos sêres humanos tem sua demonstração empírica nos bilhões de sêres humanos, que tendo vivido e sucumbido na terra, passaram a regiões mais elevadas de vida no mundo espiritual.

A vida terrestre era a vida elementar — o jardim de infância da experiência humana — e tendo por ela progredido, o próximo estágio será as esferas inferiores do mundo espiritual. Mas lá a lei do progresso e desenvolvimento ainda opera. De acôrdo com isto, o homem começa a galgar através das esferas superiores, até atingir pontos tão sublimes de modo a desfazer tôda semelhança com a imperfeição terrestre.

Não há processo ordenado de elevação de espíritos de esferas espirituais inferiores a superiores. Não obstante, o processo pode ser longo, no caso de alguns indivíduos, que devem passar considerável tempo nas esferas inferiores, até atingir um progresso inevitável, em tempo; e por fim se esvasiarão as esferas inferiores.

Nêsse processo ordenado das esferas inferiores às superiores, o Espiritismo concentra sua atual demonstração e certeza na lei do progresso.

A filosofia espírita é efetivamente a que liberta a alma da escravidão do êrro e superstição e a guia para a luz.

PSICOPIROFORIA

UM RARO FENÔMENO ESPÍRITA

OS jornais de São Paulo noticiaram em 1.º de Novembro de 1.961 o aparecimento de fogo em vários locais de uma residência, no Jardim Paulista, onde não havia possibilidade de incêndio, nem por curto circuito, nem por combustão expontânea.

Um dos próprios moradores pressentiu os espíritos como provocadores do raro fenômeno, que de vez em quando aparece para cha-

mar a atenção dos homens descrentes da vida no além.

Em vista de não termos encontrado na literatura espírita um termo próprio para êsse caso, propomos o nome: Psicopiroforia (do grego psico - alma, piro - fogo, foro - leve) em analogia com os têrmos já registrados, como psicografia, psicofotismo. A propósito, falta no vernáculo, um vocabulário espírita-metapsíquico moderno, e cremos que

o único mais conhecido é o vocabulário compilado por Lobo Vilela e, inserto no final da obra: Resumo da Doutrina Espírita, de Geley, edição LAKE, de São Paulo.

Aos escritores e jornalistas do

país, nosso apêlo para que em conjunto elaborem um indispensável léxico espírita, tão útil na leitura de obras especializadas, mediúnicas ou não.

Cícero Pimentel

✻ O Último Desprendimento ✻

Carlos Imbassahy

Por uma questão de método, temos procurado, antes de entrar em cheio na manifestação dos mortos, provar a dos vivos. E' da independência do ser vivos que chegamos com mais facilidade à independência do Espírito após a morte. E' essa a opinião de vários psiquistas e entre êles Ernesto Bozzano, que escrevia num de seus trabalhos:

«L'importanza teorica della presente monografia appare evidente e consiste in cio, che i casi di comunicazioni medianiche tra viventi, realizzandosi con processi identici a quelli per cui si intrinsecano le comunicazioni medianiche coi defunti, ofrono la possibilita di compenetrare meglio la genese di questi ultimi» (1)

Em suma, da análise comparada entre fenômenos anímicos e espíritos se verifica a realidade da independência do espírito.

Para êsse fim, vimo-nos referindo aos mestres da Fisiologia quando declaram que a Ciência ignora os meios por que o cérebro fabrica as qualidades intelectuais e morais; mostramos a razão que nos leva a admitir a ligação temporária entre o cérebro e o espírito. Buscamos demonstrar a patente independência do espírito em determinadas crises e em determinados fenômenos, como no caso das lesões cerebrais; no das percepções fora do corpo, sem qual-

quer auxílio dos sentidos, onde o indivíduo descobre coisas ocultas, vê o que se passa no próprio organismo ou nos organismos alheios, descreve lesões nos órgãos ou o seu mau funcionamento, fato a que se deram o nome de autoscopia; viu-se que há a leitura de cartas fechadas ou descrição de objetos encobertos; o diagnóstico de doenças, que se manifestam no corpo do próprio *sujet*, em estado hipnótico ou fora dêle. Referimo-nos aos membros amputados, que continuam sensíveis; para a demonstração de que persiste no organismo a parte perispiritual correspondente; há as fotografias, as experiências do Dr. William Bernard Johnson, do Nevada, EE. UU., e outras; o desmembramento embrionário dos hemiplégicos, que percebem perto de si o lado paralisado ou a seção longitudinal do duplo fluídico.

Há a exteriorização da sensibilidade; os casos de desdobramento ou desprendimento em que a pessoa vê do corpo o espírito flutuando ao pé dêle, ou vê com o espírito o corpo inerte no leito, numa cadeira, estirado no assoalho... Existem as mensagens dadas pelos vivos, tais como as fornecidas pelos mortos, e que os inexpertos englobam numa rúbrica única, a da escrita automática: sôbre o assunto merece especial atenção a monografia de Bozzano — *Delle comunicazione mediuniche tra viventi*. Dos desprendimentos em suas várias formas salienta-se a bilocação, fato conhecido de tempos imemoriais e divulgado nos agiológicos. Tratava-se até então de uma literatura quase que confinada ao Flos Santorum. Deixando o corpo, transfere-se o Espírito a lugares distantes; ora êle é visto por terceiros; ora êle narra, de volta ao corpo, o que viu e ouviu; ora êle vê e outros o

(1) «A importância teórica da presente monografia torna-se evidente e consiste em que os casos de comunicação mediúnica entre os vivos realizam-se com processos idênticos aos que apresentam as comunicações mediúnicas com os defuntos, e por isso oferecem melhor possibilidade de compreender-se a gênese destes últimos.»

vêm, coincidindo a narrativa do espírito desprendido com a dos que o observaram; e temo-lo apontando os lugares por que passou, as pessoas que encontrou, os panoramas que descortinou.

Há que notar a concordância das descrições, principalmente no que toca às sensações do espírito perambulante. A menos que se trate de um malfeitor, percebe êle que deixou o corpo; vê o corpo como se estivera fora dêle; atravessa paredes como se elas não existissem; sente-se leve, hígido, livre, feliz; impressiona-o o prazer de levitar, o que concorda com muitos sonhos — e o autor dêste artigo tem disso exemplos pessoais — em que o sonhador se vê e sente como voando, e a sensação de leveza e de vôo é encantadora.

A prova material do «duplo fluídico» é atestada pela fotografia. Elas foram tiradas pelo Capitão Volpi na Itália, pelos Professores Istrati e Hasden na Rumânia, pelo Rev. Stainton Moses em Londres, pelo Coronel de Rochas e Durville em Paris.

E' clara a conclusão de que se o Espírito pode, parcial e momentaneamente, viver fora do organismo material ou dêle se afastar, não há que estranhar, sua manifestação após aquilo que chamamos morte.

Não afirmariamos que os nossos doutos antagonistas desconheçam que o ser espiritual presta informes que deveria ter colhido alhures, fora do corpo, porque tais fenômenos são por êles mesmos atestados. O que é para estranhar, tratando-se de pesquisadores não sectários, é a rapidez e a ingenuidade com que dão tudo por inteiramente resolvido, sem maiores indagações, o que talvez lhes trouxesse algum trabalho e desapontamento.

Para alguns de nossos patrícios e mesmo não patrícios trata-se de Hipnotismo. Lá porque o hipnotismo dêles fêz o percipiente descobrir o indescobrível e o imperceptível é assunto em que não se perdem. Deve parecer-lhes muito claro e plausível o fenômeno; infelizmente os leigos é que não atinam com a plausibilidade e a clareza.

Presos ao materialismo uns, ao catolicismo outros e a maioria a velhas idéias, difficilmente removíveis, espalham

axiomas que são verdadeiras profanidades científicas. Bem sabemos que obedecem a um estado emotivo, quando deviam seguir o sábio preceito de Claude Bernard, o de deixarem as idéias pessoais no vestíbulo do laboratório. Mas o que acontece é que não as deixam, e elas se lhes tornam indispensáveis como o capote e o guarda-chuva.

Mas vamos à última prova de desprendimento, ou à prova do desprendimento último, que é a do Espírito no momento da morte. O fenômeno consta dos capítulos que tratam da bilocação, do desprendimento, da vidência, dos últimos momentos da vida; é igualmente desconhecida pela douta corporação, que o inclui invariavelmente nas alucinações.

Em várias oportunidades, em vários lugares e por várias pessoas, tem-se visto, ao dar o corpo o último suspiro, ir o Espírito deixando os despojos carnis e retomando no espaço a forma, que jaz imóvel, pálida e fria na câmara mortuária; flutua no ar, olha para aquilo que deixou e para a assistência, por vêzes bastante espantado, por não perceber do que se trata; outros Espíritos o envolvem e o levam, desaparecendo todos, por fim, nessas regiões onde a vista humana já não penetra.

Tais fatos, firmados pelo depoimento de inúmeros videntes, apanhado pela máquina fotográfica, reveste-se de grande elemento de prova, que consiste ainda na uniformidade por que é descrito o fato, visto que todos vêm uma forma vaporosa, que se desprende da matéria, que paira sobre o cadáver, que a êle se assemelha, que sonda o ambiente, que se admira ou se espanta, que é cercado por outros Espíritos e por fim desaparece. Muitos, ainda no corpo, referem-se aos seus mortos, que os vêm buscar.

Trata-se, no caso, necessariamente, de seres bons, ou pelo menos seres normais; o desprendimento dos criminosos impenitentes não é cena para ser admirada.

Erny, ao descrever êsse fenômeno, diz que o Espírito sai de seu envólucro mortal pelo crânio. Os videntes — refere êle — notaram que logo após esta saída, uma nuvem vaporosa se eleva acima da cabeça, e tomando a forma humana condensa-se pouco a

pouco, assemelhando-se ao morto cada vez mais. Quando o corpo fluídico está formado, ainda fica algum tempo ligado aos despojos mortais por um laço fluídico, que parte, da região intermediária ao coração e ao cérebro. — Dr. Alfred Erny. — *Psychisme Expérimental*. Pgs. 335.

Vamos buscar entre inúmeros casos, ligeiros e rápidos relatos, a título de ilustração. A seguinte narrativa é da Sra. Florence Marryat, e colhida em sua obra *The Spirit World*, que abrevio o mais que me é possível.

Uma grande amiga perdeu sua irmã com 20 anos. Ela era vidente. Chamava-se Edith. Começou a distinguir uma espécie de nebulosidade sutil, ligeira fumaça, que se condensava sobre a cabeça da moribunda e depois se ampliava, tomando as proporções, a forma e o aspecto da agonizante, a ponto de se lhe assemelhar em todos os pontos de vista. A forma flutuava alguns pés acima da enferma.

Edith encarava a irmã e enquanto o rosto desta se tornava lívido, a forma, purpurejada, parecia animar-se à proporção que a vida se escapava do corpo. Até que a doente ficou inerte e sem consciência nos travesseiros, do mesmo passo que sua forma, flutuante, se transformara num espírito vivo. Cordões de luz pareciam ainda prendê-la aos órgãos vitais. Chega o momento supremo. O Espírito oscila, estende-se ao lado do corpo inanimado, parece débil; era a reprodução exata do corpo que deixara.

Aproximam-se duas formas luminosas que Edith reconhece como o pai e a avó, já falecidos. Chegam ao Espírito liberado, sustêm-no afetuosamente, apanham-no, enquanto êle deita a cabeça nos ombros do pai. Fica assim algum tempo, como que a retomar o hálito. Rompem-se finalmente os cordões luminosos que o retinham ao corpo; o grupo dirige-se para a janela; sobrevoam, elevam-se, desaparecem.

* * *

Muitos anos antes do surto espírita, Andrew Jackson Davis, célebre pelos seus dons mediúnicos, teve oportunidade de assistir ao trespasse de uma

mulher e observou os pormenores da partida do Espírito, de que nos dá detalhada descrição em sua obra *Grande Harmonia*.

Principia por notar que o fenômeno do desprendimento, que aliás já experimentara, era uma espécie de morte, embora de pouca duração, de sorte que observava então um caso interessante; via ainda que os sintomas que se diriam sinais de sofrimento não passavam de reflexos inconscientes do corpo, sem qualquer significação.

Percebeu o corpo etéreo da moribunda emergindo do pobre e gasto envólucro de protoplasma, que ali jazia, vazio na cama, como a crisálida enrugada quando a mariposa se liberta (*like the shrivelled chrysalis when the moth is free*).

O processo começa por uma concentração no cérebro, que se tornava cada vez mais luminoso à proporção que as extremidades escureciam. Principia então o novo corpo a erguer-se, desligando-se primeiro a cabeça. Logo depois se libertou completamente, ficando em ângulo reto com o cadáver, e com os pés próximos à cabeça dêste; entre ambos havia um laço vital luminoso, correspondente ao cordão umbilical. Quando o cordão se rompeu, um pequeno pedaço reverteu ao corpo morto e isto preservou-o da putrefação instantânea. O corpo etéreo demora-se um pouco até adaptar-se à nova ambiência, e nessa situação atravessa portas fechadas. Eu a vi passar ao quarto vizinho e sair depois para o ar livre. Logo após ter deixado a casa, vieram ao seu encontro dois espíritos amigos, provenientes das regiões espirituais, e depois de se reconhecerem e comunicarem ternamente, da mais graciosa maneira, começaram a subir obliquamente, através do envólucro etéreo do nosso globo. — Jackson Davis — *Great Harmony*. — Conan Doyle — *The History of Spiritualism*, 1. p. 50.

* * *

Se há centenas de casos coincidentes, narrados por pessoas insuspeitas, porque algumas absolutamente ignorantes do fenômeno em particular e da doutrina espírita em geral; se essas pessoas

se desconhecem e as narrativas se sucedem em vários tempos e em várias regiões, põ-las sistematicamente de lado ou acolhê-las com riso de mofa, quando o indivíduo não tem experiência nenhuma no assunto, é sinal de espírito

apaixonado, ou imprevidente, ou fanatizado, e nunca de um espírito científico.

As afirmativas ou negativas sem base são um desar para a Ciência e levam-nos a perder a confiança em seus levitas.

Semana Santa —

Mensagem Mediúnica de Italo Ferreira, recebida em 10-3-1962

ESTAMOS caminhando para as grandes comemorações da Semana Santa; muito ritual, muita pompa e nenhum sentimento humano e fraterno.

Festeja-se o sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, como se faz com qualquer outra solenidade pública ou feriado nacional. Nas comemorações cívicas, porém, ainda predomina o entusiasmo e a exaltação patriótica, no entanto, comemora-se a data magna do martírio de Jesus, sem maiores sentimentos de fraternidade e sem nenhum objetivo certo a alcançar e que deveria existir se norteássemos essas comemorações no bem do próximo e procurássemos esclarecer os pobres e humildes em cujas faces vemos o estigma do sofrimento e da dor e fazê-los compreenderem e sentirem as verdades que simbolizam os ensinamentos de Jesus; levar aos infelizes a esperança de um dia melhor e ensinar-lhes as lições maravilhosas que o Espiritismo trouxe ao nosso conhecimento, ensinando-nos a lei de causa e efeito do nosso carma, justificando, assim, os sofrimentos que nos afligem através das existências periódicas, que burilam a alma no cadinho da dor causticante que nos atinge, e das dificuldades sem conta que temos de enfrentar e vencer a cada passo.

Seria de grande mérito

realizar visitas aos lares humildes, alegrando-os com a nossa presença amiga; êsses entes sofredores e infelizes que buscam, nas trevas da ignorância e da miséria, acender uma luz resplandecente, que ilumine sua estrada matizada de sofrimentos e humilhações.

As festividades que sempre atingem o supérfluo, e um gasto maior nesse dia, onde o desperdício e os abusos causam sérias indigestões e outros males do aparelho digestivo, poderiam, bem divididos e orientados, satisfazer as exigências mais prementes de lares pobres, onde a fome campeia, produzindo a revolta íntima e criando indivíduos desclassificados que ficam depois à margem da sociedade humana.

É ainda muito precário o sentimento de fraternidade ensinado pelas diversas religiões que militam atualmente na Terra e guiam a humanidade por caminhos escabrosos e escusos, onde impera o vício, a luxúria e a tão decantada liberdade de explorar o próximo em proveito próprio, sem nenhuma consideração pelos demais seres viventes.

Muita curta ainda é, a visão das coisas Celestiais entre os encarnados, por não quererem compreender o sentido verdadeiro e sem mácula da missão de Jesus na Terra. Imolam-se milhares de animais no altar das

convenções sociais, para satisfazerem os instintos carnívoros de que ainda estão imbuidos.

Esquecem-se as Virtudes do Bem, do Amor, da solidariedade, da fraternidade que deveriam reinar entre os seres de tôdas as categorias e classes sociais existentes sôbre a Terra, pois, tudo que nela existe, é obra inigualável da sabedoria Divina, entrozando as diversas etapas do desenvolvimento dos que a habitam, em processo evolutivo na senda do progresso, em busca das mais nobres aspirações e sentimentos de Amor que Deus nos legou e aos quais devemos fazer jus, para efeito de esclarecimento do nosso Ego, no atendimento da justiça Divina.

Somos ainda dos que vegetam na Terra, sem mira e sem um roteiro certo que eleve os sentimentos inatos da virtude, existentes em nossos corações necessitados de carinho e amparo para desabrochar com a exuberância necessária à nossa finalidade, que é, progredir sempre em busca de realizações nobres, que justifiquem a razão de ser da bondade Suprema, ao nos criar à sua imagem e semelhança, num trabalho incessante e fecundo, em sintonia perfeita e harmoniosa com o Universo.

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard



VIII



O nosso antagonista no seu propósito de convencer-nos que Espiritismo é hipnose, até agora, já na sua parte alta, não vai além da fase preliminar, quando o assunto alcança outra profundidade.

No seu artigo — O Fenômeno Espírita —, apesar do título, nada fala ainda da nossa fenomenologia mediúnica, acreditando-se mesmo ser completo seu desconhecimento do que diz a nossa literatura, na palavra dos grandes mestres da Ciência. E mesmo da hipnose, se é que não se pode falar desta sem ser pela natureza da sugestão, conceito êste em que pretende se apegar para explicar o fenômeno espírita, quase nada falou, porque a fase indutiva formal, da qual mais cuida, não é predomínio da sugestibilidade como julga. Trata-se de uma preparação com livres processos para se ir ao transe, dirigindo-se a um dos fenômenos, hipnótico ou mediúnico, de acôrdo com a vontade condicionada do paciente no ato da transição. Tais preparativos complementares não são exclusivos do Hipnotismo, cuja rubrica nessa etapa de início é convencional.

Hipnose, sendo um fenômeno da natureza humana, está dentro de um conceito único, enquanto que a indução é livre trabalho onde variam os processos, para se alcançar o transe. É o caso de não se confundir doutrina com fenômeno, ou seja, teoria com fatos. Aquelas são discutíveis, mas êstes não. E o dr. Osmard, ao invés de apresentar o que se diz das produções da fenomenologia hipnótica e compará-las com as do Espiritismo, para mostrar aos leitores um caso pelo outro, como pretendia, limitou-se justamente naquela fase preparativa, antecedente ao transe, onde, mesmo iniciada como etapa pré-hipnótica, o conceito de sugestão não é definido pelos próprios hipnologistas atualizados.

Nestas condições, com sua tese prejudicada, entravada no limiar, longe da essência, não precisaríamos revidá-la, no que sentimos se não nos chegar

essa oportunidade, há tanto esperada, em tirar a limpo frente a frente as diferenças entre os fenômenos espíritas e hipnóticos. Contudo, já que não podemos falar na nossa parte, por estar alí ausente no seu trabalho, falemos na sua restrição, por onde se contornou.

O seu argumento baseia-se no conceito mental da palavra, como ato de sugestão, no desencadeamento do transe hipnótico, de onde assim também conclui para a auto-indução do fenômeno espírita. E nas suas explicações apresentou a palavra sob dois aspectos, mas não esclareceu a ordem cronológica dos dois valores, no que vamos dar êste trecho básico, lá do seu Hipnose e Letargia, onde se lê na pág. 102: «...na hipnose humana é a palavra empregada com uma dupla finalidade: a de estímulo sonoro indiferente a PRINCÍPIO, a de sinal da realidade concreta POSTERIORMENTE.» (nossos os grifos).

Aí esclarece que de PRINCÍPIO, portanto na fase indutiva, o efeito da fala do hipnotizador é de estímulo sonoro, valendo apenas como o ruído, pela monotonia da sua voz débil, persistente, a exemplo do som de uma monotonia musical, ou mesmo de um insistente pa-ca-tá de rodas sôbre trilhos, ou algo semelhante, como bem ensina isso o dr. Osmard, recursos êsses que não passam de acessórios, completando o ambiente para facilitar o sono transitivo. Sômente depois desta fase primária, que precipita o desencadeamento, despontando o transe, então a palavra, até agora valendo apenas como ruído sonoro, ao receber o contágio do subconsciente (preferimos êste têrmo por ser mais generalizado), toma seu valor de conceito mental, na receptividade do paciente, condicionado na sua vontade para a hipnose comandada.

Ora, se a palavra a PRINCÍPIO é de valor secundário, e só POSTERIORMENTE, quando o transe lhe abre as portas, passa a valer no seu conceito de superioridade, daí logo é fácil raciocinar não ser a palavra que desencadeia o transe, mas êste que vem desen-

cadeiar aquela no seu exato valor. Como poderia a palavra mental, portanto a sugestão, ser causa do transe se ela vem após a eclosão dêste?

Quanto ao transe para se desencadeiar, o fator fundamental está na natureza suscetível do paciente. Se êste não tiver êste dom, inutil será o falatório do hipnotizador. Daí a seleção nas demonstrações públicas. Mas se tiver êsse fator, até mesmo sem nada, bastando unicamente a suscetibilidade e mais a vontade do paciente, para se vincular a quem se desejou condicionar, pois se nada se quer também nada se faz, e o transe eclodirá. Por isso, pergunta Eastbrooks: «Será a sugestão ou a dissociação a verdadeira causa fundamental da hipnose?».

Mesmo na XIX.^a lição da — Societé des Recherches Psychiques —, de Paris, ensina uma técnica mecânica indutiva instantânea, vinculando agente e paciente, sem tempo de uma única palavra trabalhada de indução, antes de eclodir o transe. E é pena o dr. Osmard, como bem se revela no seu Hipnose e Letargia, nada conhecer da técnica indutiva pelos toques de zonas sensíveis nervosas, processo chamado «letárgico», que não é novidade na ciência do Hipnotismo, mas tendo sido o nosso antagonista, com muita infelicidade, desviado da verdade, pela astúcia do irmão Vitricio.

E dizendo-se da natureza do transe, trata-se de um estado mental válido tanto para a restrição hipnótica como para a amplitude mediúnica. O mesmo paciente para um caso presta-se para outro, dependendo do condicionamento. Daí se dizer que os médiuns, geralmente, são bons pacientes em hipnose e vice-versa, se bem que a tendência acentuada pelo treino de um lado causa retração para o outro, resultando entremeios quando se usa as duas práticas. Nisso se justifica as nossas sessões de desenvolvimento, para apurar e selecionar os mais suscetíveis. Lógico, em tudo que é bem organizado não se dispensa tais cuidados.

E agora, para que o nosso desapontado adversário não venha dizer que nos defendêramos com um simples «tudo isso é mentira», vamos fazê-lo ver que o fundamento da nossa defesa apoia-se nos próprios mestres da hipnologia.

Para tanto, vejamos algo, do interessante artigo — Sugestão Verbal e Hipnose —, do ilustre Prof. Luiz Silva, estudioso do assunto, publicado no trimensário Difusão Odontológica, do primeiro trimestre de 1960. Ali, em certo trecho lê-se: «Com estudos assim profundos, os autores são unânimes (notem os leitores — são unânimes) em declarar que as condições de elaboração INTRAPSÍQUICA DA INFLUÊNCIA SUGESTIVA PERMANECEM AINDA, EM MUITOS PONTOS, EM PLENA OBSCURIDADE.» (nossos os parênteses e os grifos).

Aí se vê que a tese da palavra oculta na subjetividade do pensamento, como auto-sugestão, é antiga afirmativa, hoje convertida em hipótese, que perde cada vez mais terreno entre os próprios estudiosos atualizados, do Hipnotismo.

Vejamos mais outro trecho, dêsse mesmo trabalho acima citado, acusando o uso e abuso sem limites da sugestão, como recurso dos que dela se servem para ocultar a ignorância do que ainda lhes falta no saber: «O desconhecimento da verdadeira natureza e as exatas possibilidades da sugestão permite sejam seus limites desmedidamente alargados e suas possibilidades desmesuradamente aumentadas, fazendo com que fatos perfeitamente explicáveis pela intervenção de causas naturais outras, sejam tidos e mantidos como pura sugestão.

Quanto ao hipnotismo, a literatura registra casos de hipnose conseguidos sem a menor ordem verbal ou outro meio qualquer, bastando apenas a presença do hipnotizador, e ainda na ausência do mesmo, sendo explicado como EXCLUSIVO ATO DA VONTADE, segundo não poucas demonstrações de Beaux, Home, Garcin e Du Potet.» (nossos os grifos).

Assim, se a sugestão não se define como indutiva, portanto menos ainda no auto-induzir, sendo tese discutida e contestada pelos próprios estudiosos do hipnotismo, não se entende que o dr. Osmard se anteponha aos mestres da hipnologia, para firmar-se num assunto nem mesmo encerrado dentro do seu próprio campo, para com êle fazer tese absoluta contra o Espiritismo. É lamentável que um ilustre facultativo tenha se precipitado nessa atitude, imi-

tando certos boateiros da Ciência. Tal abuso, dos que atacam a fenomenologia espírita por êsse lado, deve-se pelo facto de que não sendo o Hipnotismo matéria oficial das nossas Universidades, a classe douta não está a par dos verdadeiros estudos dessa Ciência. Dêsse desconhecimento generalizado prevalecem alguns caçadores de sensacionalismo, para apregoarem hipóteses, como se fôsem teses definidas, através de literaturas, pretensas novidadeiras que, de Ciência, mais se valem da fachada.

E agora, falando-se do pouco que lembrou da hipnose, pròpriamente dita, limitou-se em determinar seus fenômenos, insinuando dentro dessa restrição as produções da fenomenologia espírita, demonstrando desconhecer mesmo a nossa amplitude mediúnica. E para isso comentar, julgou muito fazer, dizendo: «E que fenômenos permite a hipnose? Oh! que mundo dêles.»

Sim—que mundo dêles—, mas não vão além de certos limites. Como citou, conseguem-se alucinações auditiva, visual, tátil, e escrita e fala automáticas, e outras vantagens da mecânica fisiológica, no que juntamos que com tais recursos até se pode dramatizar certos fenômenos espíritas, como fazem alguns padres, exhibindo-se em espetáculos de hipnose, para ludibriar a bôa fé do público leigo, afirmando que assim é o Espiritismo.

No entanto, como já dissemos, essa dilatação tem um limite. Nos fenômenos do hipnotismo, as produções mentais, por exemplo, nunca ultrapassam a capacidade intelectual do paciente. Mandem-no executar um instrumento musical, e o hipnotizado nada conseguirá, a não ser encenações, se nunca teve essa habilidade para a música. Ordenem-no a que dite mensagens em outro idioma que jamais aprendeu, e nada fará. Fale o hipnotizador com o hipnotizado noutra língua que êste desconheça, e não a receptará, como bem sabe disso o dr. Osmard. Já, no fenômeno espírita, sem falarmos nos de efeito físico, assunto êste que ainda aguarda ocasião, os de ordem mental extendem-se muito além dos limites dos da hipnose, ultrapassando nesses exemplos a capacidade intelectual do médium, revelada pela ação mecânica da escrita e fala automáticas.

Não há dúvida que se a produção, embora seja assunto desconhecido do consciente do médium, mas cujos fatos sejam comprovados ou lembrados de que já se passaram na sua infância ou adolescência, neste caso justifica-se a dúvida, porque as ocorrências esquecidas do consciente conservam-se em registros no subconsciente, de onde podem aflorar, no sentido rememorativo, pelo transe. Mas desde que o desconhecimento seja constatado, não há motivo para se negar a origem mediúnica da produção, pois é facto estabelecido, na ciência da Psicologia, que ninguém dará de sua intelectividade aquilo que não tenha sido adquirido pelos métodos da aprendizagem.

O dr. Osmard, para contrariar essa nossa tese, contornou-se por outro lado, argumentando: «Se alguém me diz que um aparelho de rádio fala, eu acredito. Já me cansei de escutá-lo. Mas se o sr. Casella quiser me convencer de que o rádio fala porque lá dentro há um grupo de pessoas falando, aí eu protesto. Isso não é verdade. O mecanismo é outro.

Claro! o mecanismo é outro, mas muito diferente do da mente humana, da qual não se deve fugir para manter os debates. Assim, em contrapartida, dizemos que se um paciente em transe entra a falar em idioma chinês, sem jamais em qualquer época de sua vida ter passado por essa aprendizagem, ou mesmo outros contatos com essa língua, tratando-se de conhecimento incompatível com a sua cultura, e o dr. Osmard nos disser que a produção é dêle mesmo, por obra da hipnose, isto agora não somos apenas nós que protestamos, mas os próprios mestres da Ciência. Se o nosso antagonista não esclarece, pelos conceitos da hipnose, como essas produções poderiam jorrar de um cérebro, sem que ali tivessem penetrado pelos métodos da aprendizagem, inúteis serão as suas longas e cansativas argumentações, que só revolvem a superfície sem se aproximar da profundidade. De que lhe adianta dar bonitas aulas sôbre o mecanismo das atividades nervosas, ou seja lá o que mais for da nossa fisiologia, se no ponto capital nada consegue contra os fatos? Veja-se que os próprios sábios são os que não admitem tais aberrações mentais,

pois seria anti-científico aceitar a hipótese do nascimento espontâneo de sabedorias na cabeça do indivíduo. Onde estaria então o rigorismo científico do dr. Osmard, admitindo tal milagre?

Vamos ler algo de Richet, e vejamos bem que a questão exige raciocínio e não julgamentos de princípios. N'A Grande Esperança, pág. 224, diz o mestre: «Eis, por exemplo, a xenoglossia da qual possuímos belos casos, raríssimos, particularmente o caso antigo, mas o melhor talvez, o do juiz Edmunds que foi presidente do Senado Americano. Sua filha escrevia em diversas línguas que desconhecia. Mme. Piper ignorando o grego, compreendia-o quando era Georges Pelham. Encontrarão curiosos detalhes sobre xenoglossia, no livro de Sudre (pág. 145) e num memorial recente de Bozzano, *La Ricerca Psichica*, 1932, Cassina. (...) Os outros fatos de xenoglossia são muito sérios. Que o médium fale muitas línguas e línguas que, sendo vivas, êle não conhece, é verdadeiramente maravilhoso. Decidida-

mente a explicação espírita é a mais aceitável!».

Veja-se aí. A declaração é de um cientista que nada teria de espírita, como pensa o dr. Osmard. Portanto insuspeito. Se a nossa tese é a mais aceitável, quer dizer que a da hipnose já teria sido desprezada, pelo mestre que também laborava com o Hipnotismo.

Confere?

Como o dr. Osmard vai continuar, logo mais voltaremos com a sua segunda parte, que já deverá estar ilustrando outro lugar desta mesma Revista.

V. O. Casella

*Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo*

NOTA DO A. — Na Revista de 15-2-62, pág. 13, onde por um lapso saiu «...os mestres mesclam», leia-se, por favor «...os mestres não mesclam.»

A REALIDADE HUMANA

Philemon



EMEA o homem de bom coração, na família e na sociedade, a boa semente dos seus mais belos ideais: o mundo, subrepticiamente, vai substituindo essa generosa sementeira pela sementeira da maldade, do despeito, do ódio.

Quando, em sua boa fé, o homem desperta para a realidade mundana, o que encontra em tórno de si é a desoladora expressão da inércia moral, tudo esterilizando no seu coração, matando-lhe as mais belas iniciativas, povoando de trevas uma existência que se esforçava por abrir-se na luz abençoada de Deus!

Bem triste e cruel é, por isso, a existência dos homens generosos, neste obscuro mundículo de desertores da lealdade, da bondade, da delicadeza e da fé!

O que nos surpreende é que haja ainda alguém que ponha as suas espe-

ranças nas coisas terrenas! O que nos surpreende é que tantos milênios de esforços empregados por homens orgulhosos e astutos para construir qualquer coisa de grande e de apreciável na Terra, tendo redundado sempre em destruição e ruína, como nos é rigorosamente apresentado na paisagem histórica, ainda não tenham gravado indelévelmente na consciência humana a certeza de que a felicidade não é deste mundo e procurem ainda muitos homens — a quase generalidade dos que habitam êste mundículo de trevas — encontrar nêle, no conforto das coisas materiais, nos efêmeros prazeres da carne, o incentivo aos seus trabalhos mercantilizados, ao desenvolvimento dos seus dotes intelectuais, à preservação dos seus miseráveis tesouros, conquistados mediante tantas fadigas e tantas deformidades morais que só se podem compadecer com uma consciência entenebrecida pela vaidade, pelo ciúme e

pelas mais baixas seduções de grandezas transitórias!

Um ou outro passageiro da carnalidade terrena consegue meditar livremente, ao se defrontar com essa paisagem histórica de desolação e ruína, para trazer-nos o triste resultado das suas observações.

Gautama Buda, em sua doutrina, reconhecia três principais formas de desejos egoístas, tôdas más. A primeira era a sensibilidade, a segunda o desejo de uma immortalidade pessoal, egoísta, a terceira, enfim, a ânsia do êxito, do triunfo no mundo e a avareza. A serenidade da alma, o Nirvana, o supremo bem só se podia alcançar depois de vencidas essas três formas de desejos, fazendo dessa maneira desaparecer o eu.

Jesus Cristo afirmava constantemente: «O meu reino não é dêste mundo». «Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me». Indo a caminho com um escriba, fortemente impressionado pelas suas palavras, disse-lhe êle: «Seguir-te-ei para onde quer que fores»; ao que Jesus replicou: — «As raposas têm os seus covis e as aves do céu, os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça». — «Segue-me», disse a um dos seus discípulos, retribuindo-lhe êste: — «Permite-me que vá primeiro enterrar meu pai, ao que Jesus replicou: «Deixa que os mortos enterrem seus mortos: tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus.» Ainda um outro abriu-lhe o coração, dizendo: — Seguir-te-ei, Senhor, mas permite que eu vá primeira despedir-me dos que estão em minha casa. Respondeu-lhe Jesús: — «Quem empunha o arado e torna a olhar para trás, não é apto para o reino de Deus.»

Êsse Jesus, que tinha, como diz Daniel em suas visões, a forma de homem (*Eu* estava vendo nas minhas visões da noite, e eis que era vindo nas nuvens do céu *um* como o filho do homem: e chegou até ao ancião dos dias, e o fizeram chegar perante êle. E foi-lhe dado o domínio e a honra, e o reino, e que todos os povos, nações e línguas o servissem: o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino se não destruirá»—Daniel VII — 13, 3 14), veio ensinar-nos, por suas palavras e por seus exemplos, a doutri-

na idêntica à de Buda, em seus fundamentos; mais adiantada, porventura, em sua divina angelitude. Êsse Jesus, porém, não é insensível às nossas dôres, às nossas angústias, às nossas tristes vicissitudes humanas: o que Êle não pode, porém, é fazer-nos chegar às alturas celestiais, onde se encontra e para onde quer levar-nos, sem que se nos desperte definitivamente a consciência e não vejamos a transitoriedade das coisas terrenas, para que elas não mais nos tentem a uma conquista cujos frutos serão irremediavelmente perdidos para nossa alma, como legítima propriedade, se não forem aplicadas com amor e desprendimento, a benefício do nosso próximo.

Foi o que assinalou a experiência, e a visão doutrinária de Léon Denis pôde transmitir-nos, nesta sublime mensagem que se encontra logo no prefácio do seu grande livro — DEPOIS DA MORTE:

«Vi, deitadas em suas mortalhas de pedra ou de areia, as cidades famosas da antiguidade: Cartago em brancos promontórios, as cidades gregas da Sicília, os arrabaldes de Roma com os aquedutos partidos e os túmulos abertos, as necrópoles que dormem um sono de vinte séculos debaixo das cinzas do Vesúvio. Vi os últimos vestígios das cidades longínquas, outróra formigueiros humanos, hoje ruínas desertas, que o sol do Oriente calcina com suas carícias ardentes.

Evoquei as multidões que se agitaram e viveram nêsses lugares: vi-as desfilar diante do meu pensamento, com as paixões que as consumiram, com seus ódios, seus amores e ambições desvanecidas, com seus triunfos e revêzes — fumaças dissipadas pelo sôpro dos tempos. Vi os soberanos, chefes de impérios, tiranos ou heróis, cujos nomes foram celebrados pelos fastos da História, mas que o futuro esquecerá.

Passavam como sombras efêmeras, como espectros truanescos que a glória embriaga uma hora, e que o túmulo chama, recebe e devora. E disse comigo mesmo: Eis em que se transformam os grandes povos, as capitais gigantes — algumas pedras amontoadas, colinas silenciosas, sepulturas sombreadas por mirrados vegetais, em cujos ramos o ven-

to da noite murmura suas queixas. A História registrou as vicissitudes de sua existência, suas grandezas passageiras, sua queda final, porém tudo a terra sepultou. Quantos outros cujos nomes mesmos são desconhecidos; quantas civilizações, raças, cidades grandiosas, jazem para sempre no lençol profundo das águas, na superfície dos continentes submersos!

E perguntei a mim mesmo: porque essas gerações a se sucederem como camadas de areia que, acarretadas incessantemente pelas ondas, vão cobrir outras camadas que as precederam; porque êsses trabalhos, essas lutas, êsses sofrimentos, se tudo deve terminar no sepulcro? Os séculos, êsses minutos da eternidade, viram passar nações e reinos, e nada ficou de pé — a esfinge tudo devorou!

Em sua carreira, para onde vai pois o homem? Para o nada ou para uma luz desconhecida? A natureza risonha, eterna, moldura as tristes ruínas dos impérios com os seus esplendores. Nella nada morre senão para renascer. Leis profundas, uma ordem imutável, presidem às suas evoluções. Só o homem, com suas obras, terá por destino o nada, o olvido?»

E em todo o seu grande livro, ou-

tra coisa não faz Léon Denis senão demonstrar que a um destino muito mais belo e luminoso se dirige o homem: o da sua imortalidade consciente e iluminada pela glória divina, quando êle souber conquistar, pelo seu esforço, ajudado por Deus, a sua perfeição!

Organizei uma família na Terra. Transmitti aos meus filhos tudo que me foi inspirado pelas lições sublimes, pelos exemplos de meu Divino Mestre. Todos êles conquistaram, pelo seu esforço, a independência econômica e quase todos organizaram lares bem formados, procurando transmitir aos filhos as mesmas diretrizes morais.

Digo-lhes agora, no extremo limite do caminho, sentindo que em breve temos de nos despedir, por algum tempo, para um futuro encontro onde Deus o determinar: Não vos iludais com as conquistas terrenas. Procurai sempre, em tudo que solicitar a vossa atenção, o espírito que vivifica, pois que a carne para nada aproveita, como sempre nos ensinou o Divino Mestre. Nada poderá separar-nos se encaminhardes os vossos passos pelos caminhos estreitos, estreitos e bordados de espinhos, que Jesus nos ensinou a perlustrar: Êsse caminho vós o conheceis porque Êle nò-lo apontou.

Hipnose e Espiritismo

Osmard
Andrade

IX — O FENÔMENO ESPÍRITA (2)

Antes de entrarmos no assunto, um adendo: creio que nos arraiais do espiritismo as coisas já não correm muito bem. Tenho contra mim nesta revista, dois adversários. Mas entre si, parece que êles já não se entendem muito bem. Aqui estão, sôbre um determinado assunto, as opiniões dos dois: —

CASELLA: — (Rev. 3/4, abril-maio de 61, pgs. 64/65) — «Um exemplo do que estamos acusando revela-se quando pretendeu advogar a tese da execução de atos inteligentes pelo indivíduo em período de sono fisiológico, BASEANDO-SE EM INFORMAÇÕES SEM APÓIO CIENTÍFICO». — «De fato tratam-se de experimentações superficiais,

DESPIDAS DE PRECAUÇÕES CIENTÍFICAS» — «... citou exemplos de indivíduos que teriam realizado trabalhos intelectivos em estado de sono comum. Acreditamos na sinceridade dêstes testemunhos ali declarados sôbre as produções, mas quanto à natureza do fenômeno pelo sono, se foi realmente fisiológico, tais relatos, apesar da boa fé dos declarantes, NÃO PODEM SER CONSIDERADOS DE VALOR CIENTÍFICO PORQUE TRATANDO-SE DE OBTENÇÕES PESSOAIS CADA UM FALA COMO QUER E COMO ENTENDE». —

IMBASSAHY: — (Rev. 10, nov. 61, pags. 214/215) — «No sono o indi-

víduo resolve problemas que lhe pareciam insolúveis na vigília, descobre o que lhe estava oculto, tem ótimas idéias, por vêzes geniais. O nosso distinto conterrâneo Dr. Osward Faria vem em nosso auxílio quando apresenta relatos comprobatórios: Banting quer achar a solução de um problema; cansado, adormece e o resolve. Para Fehr, a maioria dos descobrimentos dos sábios foi feita em estado de sono... (ETC)...». «A êsses casos ACRESCENTARÍAMOS OUTROS MUITOS...» — «Os nossos exemplos confirmam o do médico hipnologista, corrobora-os, amplia-os, explica-os. Temos nêles o que se costuma chamar inspiração». —

Êles que são brancos...

* * *

Continuemos com o fenômeno espírita, ouvindo a opinião dos próprios autores espíritas e recordando a cada passo o capítulo desta série onde o assunto pode ser revisto, o que será indicado por um indicativo romano entre parêntesis relativo ao capítulo da série.

Para começarmos, saibamos que na organização e na direção de uma sessão espírita, é da máxima importância termos entre os presentes, «um magnetizador ou hipnotizador.» — *Aconselhamos ainda o estudo dos processos usados.*» (Como se organizam e se Dirigem as Sessões Espíritas, Hans Arnold, S. Paulo). Ficamos sabendo também que a melhor hora para a sessão espírita é sempre depois do pôr do sol, duas a três horas depois da refeição (Idem). Evidentemente ninguém ignora que nessa hora, pela repleção sanguínea intestinal devida a digestão, sobrevem um estado de sonolência muito apropriado aos fenomenos de transe... O mesmo autor espírita recomenda que o ambiente esteja completamente às escuras e com música apropriada. Vejam a eliminação dos estímulos intercorrentes que podem prejudicar a instalação do arco reflexo condicionado que já estudamos, aliada à presença de uma estimulação débil, monótona, ritmica, como a música (IV e V).

Ensina Allan Kardec (O Livro dos Médiuns, cap. XVII) — «O principiante

tomará de um lapis e papel e se colocará na posição de quem escreve, com toda a calma e RECOLHIMENTO, e com o DESEJO ARDENTE E A FIRME VONTADE DE CONSEGUIR O INTUITO (*Auto-sugestão*, VIII). Feito isto uma só coisa resta a fazer: renovar todos os dias a tentativa, durante quinze dias, um mês ou mais se fôr preciso (*A repetição como fator de condicionamento de um sinal e de formação de um arco reflexo*). Um bom meio que muito frequentemente dá resultado consiste em empregar-se como auxiliar de ocasião um bom médium escrevente. Pondo êle a mão sôbre a do que deseja escrever, raro é que este último não o faça logo. Algumas vezes basta mesmo que o médium MAGNETIZE a mão e o braço daquele que quer escrever... (*Sugestão e exemplo*, VIII).

«O paciente concentra-se na idéia de que um espírito bondoso vai interessar-se por êle e manifestar-se atuando sôbre a mão e escrever. O presidente, ao seu lado, de quando em quando fará pedidos para que o espírito se manifeste em nome do Senhor» (Elizeu Rigonatti em *A Mediunidade sem lágrimas — Pensamento verbal ou figurado, ou auto-sugestão*, VIII).

«Concentrados, procuramos ver, ora com os olhos abertos, ora com êles fechados» (Idem. *Visualização cênica*, um dos processos iniciais de indução hipnótica, alucinação visual positiva).

Eis aí alguns pequeninos exemplos de como se consegue introduzir um crente na mediunidade, em palavras de líderes espíritas. A quem já leu nosso capítulo sôbre a sinalização, creio que nada mais resta acrescentar sôbre a natureza da iniciação do transe espírita.

A pessoa quer e deseja ardentemente receber um guia. A pessoa apresenta-se em ambiente adequado à instalação de arcos reflexos e de sinalizações. Concentra-se na idéia e no pensamento do guia, ouve palavras que lhe sugerem a presença da entidade, é tocada e conduzida, quase que magnetizada, repete os exercícios e repete, repete, repete. Sempre sob o efeito da alta influência sinalizadora da própria vontade, do pensamento, do exemplo, do ambiente.

O foco inicial da excitação criado em seu cérebro (V) difunde-se e cria

uma primeira zona de irradiação da inibição. Existe já um ponto vigil plenamente instalado (V) a partir do qual se começam a traçar em seu cérebro as conexões temporárias. Depois se criam os novos focos de inibição somática (V) pelas provas mecânicas de escrita, audição, alucinação visual. Pelas leis da indução recíproca (quanto mais prolongada fôr a excitação, maior será a inibição, e vice-versa), pouco a pouco, a inibição difunde-se a todo o seu cérebro. E já tendo traçado uma série de arcos nervosos temporários que se dirigem a todos os setores do seu corpo. A palavra, o pensamento, a vontade; o conceito da coisa na qual pensa se materializa e se transforma em atos concretos e mecânicos. E o médium escreve, o médium escuta, o médium vê, o médium fala, o médium se move, o médium se martiriza, se insensibiliza, se hiperestesia, e acaba por transformar em realidade — a *sua* realidade — tudo aquilo que vem de dentro de si mesmo, como se de fora viesse.

Que mais falta para caracterizar um estado completo de auto-indução hipnótica?

Aos leitores que me acompanham já há tanto tempo, sem «partis pris», realmente interessados em ouvir os dois lados do problema, para ao fim, pelo cotejo do que já sabem e do que agora lhes trazem de novo, chegarem às suas próprias conclusões, à êsses peço agora que releiam os capítulos anteriores de uma só vez para não dispersarem os conhecimentos adquiridos, e verifiquem ao fim se não se aplica literalmente à incorporação mediúnica tudo que se sabe e se comprova fisiologicamente sobre o condicionamento e a sinalização, sobre a excitação e a inibição, sobre o primeiro e o segundo sistema de sinais de realidade, sobre a palavra e o pensamento, sobre o ponto vigil e as conexões temporárias, sobre a sugestão e a auto-hipnose.

Poderia lhes contar, para amenizar a digressão, algumas histórias práticas das muitas que conheço por experiência pessoal, sobre a íntima ligação dos dois fenômenos, a hipnose e o espiritismo. Mas uma bastará para não me tornar muito longo. Em curso que realizava para um grupo de médicos, um paciente, ao fim do «rapport» feito

pelo aluno e após a iniciação da indução hipnótica, começou a realizar gestos circulares estranhos do tronco, a emitir sinais vocais inesperados, a fungar, a dizer palavras ininteligíveis e de repente, num salto, instalou-se em plena sessão espírita. «Baixou o santo» como se diz. Houve um corre-corre entre os médicos. O paciente agitava-se, pois parece que o «guia» que baixara não era de paz e estava disposto a promover confusão. Um dos colegas aprendizes, espírita convicto, prontificou-se a «dizer uma prece» afim de aliviar o «encosto» e fazer subir o guia. Pedi-lhe que esperasse um pouco e chegando-me ao ouvido do paciente, disse-lhe em voz baixa e tranqüila que contaria até cinco, e que quando eu chegasse ao número cinco êle despertaria sentindo-se bem, calmo, tranqüilo, etc. etc. E foi o que aconteceu. O paciente acordou, percebeu-se em situação estranha, sem entender o que lhe tinha acontecido. E depois confessou que pensara que «aquilo era uma sessão espírita» já que ouvira todo mundo «falando baixinho», pouca luz, uma voz ao longe que lhe pareceu uma prece, e como estava habituado a freqüentar sessões, concentrou-se no seu guia e pronto, de nada mais sabia. Foi-lhe explicado o que era aquilo. Nada de espiritismo nem de santos nem de caboclos nem de guias. Novamente induzido, deixou-se conduzir pacificamente e o «guia» não encontrou mais terreno para pisar.

Querem outro exemplo autêntico?

De um paciente com quem costumávamos trabalhar em aulas práticas de hipnose disseram-me ser médium praticante. Um dia resolvemos realizar uma «sessão espírita». Foi combinado entre nós, médicos, qual o espírito que baixaria, o que êle diria e o que lhe pediríamos que executasse. Num papel à parte eu escrevi todas as respostas que o espírito daria às perguntas que lhe fôssem formuladas. Levei o paciente para um canto, hipnotizei-o, disse-lhe que dentro em pouco êle receberia o espírito de Fulano, que diria tais e tais coisas e responderia assim e assado às perguntas tais e tais.

Pouco depois, já reunidos aos alunos, foi o paciente novamente induzido. E a uma ordem, o «santo» baixou. Foram-lhe feitas as perguntas combinadas.

E tôdas as respostas que vieram, conforme foi comprovado pelos colegas, já estavam prèviamente escritas no papel que tirei do bolso.

E querem mais, por enquanto? Aquêlê soneto de Augusto dos Anjos que lhes ofereci na vez passada, foi «psicografado» por um paciente meu, um marinheiro de mediana cultura, a quem pedi que «recebesse» Augusto dos Anjos e produzisse uma poesia CONTRA os espíritas. O paciente era pouco culto mas já tinha lido o dos Anjos e era inteligente. Porque inteligência e cultura são coisas diferentes, até mesmo o sr. Casella é capaz de saber.

Certamente não vacilará o sr. Casella em dizer na próxima publicação que tudo isso que aí está é *experimentação superficial despida de precauções científicas* e que *«apesar da boa fé dos declarantes, não poderá ser considerado de valor científico porque tratando-se de obtenções pessoais, cada qual fala como quer e como entende»* (sic). Inclusive êle, Casella, certamente. Já que êsse é sempre o seu grande argumento. Diz que tudo isso é mentira, que tudo isso não vale nada, que tudo isso nada prova. Mas nunca diz PORQUE isso é mentira, nunca mostra COMO É a verdade, jamais apresenta os tais documentos que diz ter no bolso para mais tarde.

Certo que não sou o dono da verdade. Vou aonde me levam a lógica, o raciocínio e o bom senso. Vou até onde posso procurando o que me parece mais certo. Mas vou pela pesquisa, pelo estudo, pela comparação, pela observação, pela experiência. Vendo e ouvindo o que se mostra e se diz dos dois lados do muro. E procuro demonstrar a verdade que defendo com argumentos, com teses, com raciocínios. Fazendo tudo ao meu alcance para justificar o que explico. Daí ter sido obrigado a escrever

nove capítulos até chegar ao fenômeno espírita. E não disse tudo. E não mostrei tudo. E não argumentei tudo. Seria impossível. Como impossível será defender-me agora de tudo o que vão dizer de mim e contra mim os srs. Casella e Imbassahy. A nossa discussão certamente se prolongaria até o «além». Sei que vão ser citados dezenas de episódios espíritas que não se enquadram dentro dêste pequeno esquema da fenomenologia da incorporação. Aparentemente, posso garantir.

Haja tempo e sobre espaço e tudo se poderá explicar. Se não tôdas as coisas *hoje*, pelo menos uma bôa parte delas. Sem *mentaltons*, sem *intelectons*, sem *bions*...

A propósito, reclamou de mim o sr. Casella ter lançado mão de insistentes ironias. Que era preciso não enxovalhar a guerra. Que se levassem as coisas a sério... Mas é possível levar a sério o que diz o sr. Casella quando fala sério? E é possível esconder o sorriso quando o sr. Imbassahy diz que «não leu, não entendeu e não gostou?» Sendo, como sei que é, um homem culto e inteligente, capaz de dar lições de gramática tanto a mim como ao sr. Casella, certamente não lhe iria recomendar um dicionário, falando a sério, se não na tentativa de responder com um gracejo ameno a uma sutileza do seu espírito requintado. Como não posso levar a sério o general Levino Cornélio que, escrevendo em um número passado desta revista, revelou que não apenas as pessoas têm espírito, mas também os mosquitos, os tripanosomas e as pedras. Como não posso levar a sério êsse curioso Frei Boaventura que tentando provar que o espiritismo não existe acaba concluindo que o espiritismo existe mas é uma coisa feia...

A seguir: — Evocações e Invocações.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo enderêço; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

Viagem Espírita em 1862

ÊSTE é o título de uma pequena obra de Allan Kardec, cujo centenário ocorre neste ano. Não sabemos quando foi publicada, pois raras referências há sobre ela. O confrade João T. de Paula não a cita em sua exaustiva «Bibliografia Espírita desde 1857» publicada em *Ilustração Espírita* n.º 11, 1958, nem mesmo H. Sausse em sua «Biografia de Allan Kardec» (Ed. Victor Hugo, B. AIRES, 1952).

Tivemos conhecimento dessa valiosa obra através de «*La Revue Spirite*» set./out, 1961 p. 205, que anuncia sua publicação em francês pela «União Espírita Kardecista», de Gilly, Bélgica em 1961. Esta entidade belga também publicou nesse ano outras obras de Kardec, de certa raridade, como «O Espiritismo na sua mais simples expressão» (que apareceu em 15 de janeiro de 1862), existindo tradução do confrade Julio de Abreu Filho, «Caracteres da Revelação Espírita», e «A obsessão», (extrato da *Revista Espírita*, de Kardec, 1858 a 1868).

Temos agora em mãos o livreto em apreço de Kardec e contém 104 págs. em 4 partes: Impressões gerais, Discursos nas reuniões espíritas de Lyon e Bordeaux, Instruções particulares dadas aos grupos e Projeto de regulamento para uso de entidades espíritas. Estranhamos somente que a referida obra não cite claramente a editôra, pois ela se oculta com as siglas «U.S.K.», e nem cita a origem belga. É pena. Na capa traz além da famosa máxima «Fora da caridade não há salvação» outra muito importante: «Fora da caridade não há verdadeiro espírita», sem referência do autor, devendo se tratar de entidade espiritual.

Em breve enviaremos esta obra para o Clube de Jornalistas Espíritas de S. Paulo para leitura e análise, e eventual tradução. Como toda obra de Kardec, é instrutiva, agradável e modelar.

Cícero Pimentel

S. André, 10/4/62

Rui Barbosa e o Espiritismo

Jorge Rizzini

«Quantas outras, não somos nós os que viemos chamar êsses leais companheiros de além-túmulo, e com êles renovar a prática interrompida...» (RUI BARBOSA)

RUI BARBOSA, não obstante sua alta espiritualidade, de que a maioria de suas obras dá testemunho, não se deixou prender no emaranhado das religiões oficiais. Livre pensador em todos os setores da inteligência, êle também o foi no campo religioso. Acreditava numa força divina que governava

o universo, e isso lhe bastava. Quase ao término de sua luminosa existência, porém, converteu-se ao Espiritismo graças aos estudos, contínuos, de obras científicas assinadas pelos maiores sábios estrangeiros de sua época; sábios que trataram de toda a fenomenologia espírita, exaustivamente, através de memoráveis experiências realizadas nos países mais cultos.

Realmente, em sua vastíssima biblioteca no Rio de Janeiro, hoje expos-

ta à visitação pública, podemos constatar a existênciã de tais obras, quase tôdas na língua original. Estão elas grifadas pela tinta vermelha de Rui Barbosa e com múltiplas anotações nas margens. Delas daremos os títulos e os respectivos sinais que constam no fichário e que facilitam a consulta do leitor curioso.

Ei-las:

«Les Nouvelles Expériences sur la force Psychique».

Dessa obra básica do Espiritismo Experimental, de autoria do cientista inglêz William Crookes (o descobridor da matéria radiante) possuia Rui Barbosa duas edições, hoje raras; uma sem data e a outra de 1897. Informaçõs do fichário: G, 10 -, 28 N.o 1 e B-10, 3,29.

Do físico Oliver Lodge, leu Rui Barbosa nada menos do que quatro obras que relatam experiênciãs espíritas. São elas: «Raymond or Life and Death» (B-2, 5, 17): «Survival of Man» (B-2, 4, 23): «The Proofs of life after death» (L-8, 4, 27); «La Vie et la Matière», traduzidos por J. Maxwell (L, 5, 2, 6).

Do sábio russo Aksakoff: «Animisme et Spiritisme», em tradução de Berthould Sandow (B-2, 3, 21).

De Ernesto Bozzano, catedrático italiano: «Les phénomènes de hantises, em tradução de C. Vesme (E-10, h, 42).

De Myers: «Les hallucinations télépathiques» (B-2, 3, 20).

De Conan Doyle, o precursor da polícia científica: «The New Revelation» (L-9, 3, 31).

De Leon Denis: Le probleme de l'Etre et de la destinée» (B-7, 2, 7).

De Alfred Russel Wallace, o rival de Darwin: «La place de l'home dans l'univers» (L-8, 5, 22).

De Flammarion, diretor do observatório astronômico de Paris, Rui Barbosa leu 6 volumosas obras que tratam de assuntos variados referentes ao espiritismo. «Dieu dans la Nature», «L'homme et les problèmes psychiques», «La Mort et son Mistère», «Recits de l'Infini», «Uranie», «Autuor da la Mort.»

Charles Richet (prêmio Nobel de medicina) também figura entre os cientistas que estudaram os fenômenos espíritas e que chamaram a atenção de Rui Barbosa. O seu notável «Traité de

Metapsychique» (G-1, f, 16) foi compulsado por Rui até a página 401. As conclusões da gigantesca obra também foram meditadas até a página 793.

Acha o escritor Sergio Valle que o «Tratado de Metasíquica» de Richet, foi a última obra lida por Rui Barbosa. Parece-nos que razão assiste ao autor de «Silva Mello e os seus Mistérios» porque, como nos explica, a edição do Tratado é de 1922 e Rui Barbosa veio a falecer a 1 de março 1923: um ano e pouco após haver adquirido o volume de Richet.

Observa-se, de tôdas estas citações, que o gigante Rui, ao iniciar-se no Espiritismo, começou pelos mestres no assunto: só obras de cientistas. Leu-as, grifou-as em vermelho, fez anotações nas margens. O mais importante, porém, é que qualquer interessado poderá examinar, pessoalmente, essas obras na bibliotéca de Rui Barbosa: está ela à disposição do público em geral.

Após essas leituras meditadas ficaria Rui Barbosa convencido da realidade do Espiritismo? Já foi dito que sim. Mais adiante daremos provas, concludentes. Foi talvez devido a essas obras fundamentais, que nos explicam o mecanismo da vida psíquica, sua imortalidade e possibilidade de comunicação com o plano físico após a perda do corpo material, que Rui Barbosa, sendo como foi apóstolo da Verdade, tomou da pena e resolveu dar um violento golpe no Catolicismo, traduzindo «O Papa e o Concílio». Estava Rui Barbosa tão convicto das Verdades pregadas pelos cientistas acima citados, que não só traduziu, com grande carinho, «O Papa e o Concílio», como veio a escrever para a mesma um documentadíssimo prefácio, cuja extensão supera a própria obra! Prefácio com cêrca de trezentas páginas! Aí, Rui Barbosa nos mostra os grandes crimes cometidos pelos papas, suas falcatruas encobertas por um falso véu místico; e examina, dentro de um critério rigoroso, algumas das resoluções tomadas em concílios vários. Resoluções que visavam não o benefício do Catolicismo no sentido espiritual, mas os cofres do Vaticano e o poder cada vez mais crescente de seus dirigentes. Tudo isso, montado sôbre documentos que foram examinados à luz de sua poderosa inteligênciã; a honestidade é óbvio

acrescentar. «O Papa e o Concílio», com seu prefácio de Rui Barbosa, foi o maior golpe sofrido pela Igreja de Roma em tôda a América do Sul; quiçá a do Norte, inclusive. Obra, como essa, com tal poder combativo, só conhecemos a «História dos Papas», do dicionarista Maurice La Chatre. Inútil dizer que, tanto uma como outra, viram suas edições perseguidas pelos padres, por ordem do Vaticano. Os exemplares encontrados eram rasgados e queimados, como nos velhos tempos da Inquisição. A ordem de Roma era não deixar o povo pôr os olhos nessas verdades reveladas que «tiravam os fiéis do caminho verdadeiro».

A última obra escrita pela pena viril de Rui Barbosa foi a célebre «Oração aos Moços»; escreveu-a no fim da vida. Rui encontrava-se tão enfêrmo, que lhe foi impossível lê-la perante os doutorandos da Faculdade de Direito de São Paulo. Leu-a, pois, um seu representante durante a formatura. Último discurso seu; e é aqui que Rui, o gigante de Haia, deixou a seguinte página inspirada pela Doutrina dos Espíritos, a qual bem demonstra sua convicção na impotência destruidora da morte.

Fala, Rui Barbosa :

«A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, é a morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não entrevemos, nêsse fundo obscuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente ou melancólica, alvoroçada ou inquieta; severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo ou o conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso da fatalidade, ou os presságios do bom agouro? Quantas nos não vem conversar afável e tranqüila, ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na bôca, a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, límpida ou carregada, e lhe saímos do contato, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidados e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e cismando, para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar êsses leais companheiros de além-túmulo e com êles renovar a prática interrompida, ou instar com êles por

alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstia de luz, um traço do que lá se sabe e aqui se ignora?»

Melhores palavras não poderia Rui Barbosa oferecer aos jovens doutorandos da Faculdade de Direito. Delas se nota o seu destemor perante a morte e a sua convicção férrea nas comunicações dos espíritos. Morreu o gigante, pois, plenamente convencido da realidade apregoada pelos espíritos e pelos cientistas cujas obras o Conselheiro lêra com vivo interêsse. Infelizmente, ao tempo de Rui Barbosa ainda não haviam aparecido as obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier, caso contrário sôbre elas êle teria dado seu parecer. Mas, anos depois de seu desencarne, Rui Barbosa, êle próprio veio reafirmar o que dissera na «Oração aos Moços», fazendo-se porta-voz do Além, através da mediunidade de Chico Xavier! A êsse respeito, leia o leitor a obra mediúnica «Falando à Terra».

Como os biógrafos de Rui omitem êsse aspecto de sua vida, daremos mais uma prova concludente de sua adesão ao Espiritismo. Quem a fornece, porém, não sou eu; é um católico praticante, o que dá, talvez, maior validade. Trata-se de um depoimento do prof. Ataliba Nogueira, líder católico, político renomado e ex-amigo de Rui Barbosa.

Em novembro de 1952 pronunciou o prof. Ataliba Nogueira uma conferência sôbre o Conselheiro na cidade de Campinas. Pela sua importância foi essa conferência reproduzida pelo «Jornal do Comércio», do Rio., de onde extraímos o trecho que nos importa. O referido trabalho foi estampado em 8 de novembro de 1952.

Ora, estavam numa estação de águas Ruí Barbosa, Ataliba Nogueira, inúmeras senhoras e moças. A conversa, alegre, de súbito versou sôbre a possibilidade dos fatos espíritas. Rui Barbosa já se encontrava em seus aposentos, recolhido. Alguém, então, lembrou-se das célebres experiências com o «copinho». Todos aprovaram uma tentativa para comunicar-se com o Alto. Aproximaram de uma mesa. Sôbre elas distribuíram em forma circular pedaços de papel, cada qual representando uma letra do alfabeto. No centro, colocaram um copo. O genro de Rui Bar-

bosa, o historiador Batista Pereira a um lado, sorria para o grupo. O prof. Ataliba Nogueira, porém católico praticante, reprovava a experiência. Diz êle que o grupo, entre a alegria e um pouco de receio, dedicava-se «a uma espécie de distração de modo algum consoante com as leis religiosas, porém, que as senhoras praticavam como se fosse inocente jogo de damas».

«Inocente jogo de damas», diz Ataliba Nogueira. Veremos, porém, a que resultados extraordinários chegaram essas pessoas com êsse inocente «jogo». Mas deixemos que o próprio Ataliba nos conte: «Certa noite, porém, Batista Pereira, que assistia à sessão, de pé, disse que o cálice estava denotando alguma inquietação, manifestando, com isso, ter que revelar algum segrêdo».

Batista Pereira, então, sentou-se à mesa e, com as moças e senhoras, «colocou a ponta do dedo sôbre o cálice», o qual continuava a percorrer as letras do alfabeto formando sentenças cujo significado não dizia respeito a nenhum dos presentes.

«Terminado o escrito, diz Ataliba Nogueira, verificou-se que era uma mensagem em inglês, dirigida por algum «espírito ao ilustre hóspede. Ficaram todos estarecidos, e diante da indecisão geral, Batista Pereira opinou que deviam levá-la imediatamente a Rui. Batem à porta; o Conselheiro, de pijama, recebe o papel e fica emocionado: «E' o estilo dêle, o estilo perfeito! E o assunto! O mesmo que conversamos em nossa despedida em Haya. Mas, é possível... Trata-se de William Steed — explica Rui — o meu amigo e grande jornalista inglês, cuja morte os periódicos noticiam hoje, no afundamento do navio «Titanic».

E o prof. Ataliba Nogueira, sem meditar na tremenda verdade que o «inocente jôgo de damas» revelava «a prova de que continuamos vivos após a morte, e que podemos, como espíritos, voltar a falar aos vivos», profundamente tristonho por ver que Rui Barbosa dera autenticidade à mensagem astral, exclama, talvez com os braços abertos para o público que o ouvia em Campinas:

«E êle (Rui Barbosa) acreditava nestas histórias de Espiritismo!»

Ué! E não era para acreditar depois de uma prova tão positiva? A exclamação do bom Ataliba Nogueira chega até a ser engraçada: pena que êle não nos dê informações sôbre a reação do público, ao ouvi-la...

Essa prova, porém, para Rui Barbosa não passava de mais uma diante das centenas que êle tomara conhecimento através dos cientistas Crookes, Richet, Aksakoff, Flammarion e outros. Veio ela, apenas, reafirmar tudo aquilo que êle lera nêsses autores. Compreende-se, agora, tenha o Conselheiro arduamente combatido a Igreja e, ao fim da vida, falando aos moços de São Paulo, apregoado as comunicações espíritas e a impotência da morte diante da eternidade que trazemos dentro de nós e que se chama «espírito»!

Quanto a Batista Pereira, conhecido historiador e genro de Rui Barbosa, esqueceu o prof. Ataliba Nogueira de nos informar que também êle se tornou espírita fervoroso. Mas, o genro de Rui Barbosa, como todo bom espírita, sempre se regozijou em dizer públicamente que o era, de modo que aqui o anotamos; prazeirosamente, aliás.



Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.\$ 400,00	Ano de 1949	cr\$. 300,00	Ano de 1955	cr\$. 300,00
» » 1929	» 400,00	» » 1950	» 300,00	» » 1956	» 300,00
» » 1946	» 300,00	» » 1951	» 300,00	» » 1957	» 300,00
» » 1947	» 300,00	» » 1952	» 300,00	» » 1958	» 300,00
» » 1948	» 300,00	» » 1953	» 300,00	» » 1959	» 300,00
		» » 1954	» 300,00	» » 1960	» 300,00

Serões Bíblicos - VIII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo VIII)

Hierão — Está claro o assunto. Mas eu desejaria adiantar-me mais na questão, pois sinto, por mim mesmo, que há uma terceira espécie de trabalho que nem é missão e alegria, nem expiação e tristeza, porém meio termo entre êsses dois extremos. Digo isto, porque é o que se dá comigo, que não sou feliz, nem infeliz, quando pesco por obrigação.

Árago — Bem oportuna foi tua lembrança Hierão. Como não existe extremos sem meios, entre a expiação e a missão há, de fato, a provação, que é um esforço que nós mesmos nos impomos livremente. É assim que Allan Kardec pergunta, e o Espírito lhe responde:

Kardec «— 132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?»

Espírito — «—Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer tôdas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação.»

Kardec — «— 133. Têm necessidade da encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?»

Espírito «—Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e atribulações da vida corporal.»

Kardec «—Mas, então, de que serve aos espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?» (Livro dos Espíritos, cap. II).

Árago — Vês? Hierão, como só o ser bom e possuir obras boas não nos isenta das reencarnações? E' que a perfeição não está só no sermos bons e caridosos, mas, ainda, no sermos sábios. Dentre os escravos negros havia os dóceis, bondosos, cheios de amor e devoção para com seus amos brancos; mas eram ignorantes, não podendo exercer funções nenhuma superiores às de servos; cumpria-lhes, portanto, reencarnar-

se para o desenvolvimento intelectual vasto e complexo, pois só os seres diferenciados, especializados, poderão exercer funções superiores, como células do organismo social, em nível mais elevado. Não basta só a integração social (caridade, consciência coletiva, amor ao próximo), sem a diferenciação (especialização, ciência, sabedoria).

— E' assim que a reencarnação, para uns é expiação, se resgatam culpas do pretérito; para outros é provação, se êles a si mesmos se impõem tais ou quais padecimentos para se aperfeiçoar através das lutas; para outros é missão, porque, conquanto não necessitem das provas, impõe-nas a si, por amor daqueles a quem quer ajudar. De maneira que o sofrimento, conquanto possa ser um e o mesmo para três indivíduos diferentes, três poderão ser as reações dêles, como aconteceu com Cristo, Dimas e Gestas, todos nas cruzes. Tem razão Huberto Rohden ao afirmar que «sofrer não é o mesmo que ser infeliz» (Filosofia Universal, 1, 77). E' assim que «o pecador impenitente sofre a vontade de Deus, ao passo que o santo goza a vontade de Deus» (op. cit., 1, 130).

Hierão — Mas por que motivo u'a mesma dor pode ser gozosa para o missionário, gloriosa para o que a si se impôs uma provação, e dolorosa para o que expia culpas? Se a dor é uma e a mesma, como atrás se viu, tanto para Cristo como para os ladrões, onde a causa de as reações serem tão diferentes?

Árago — Respondo, à moda de Cristo, propondo-te uma parábola:

— Três homens estavam amassando barro num mesmo lugar, quando foram chamados pelo mestre-de-obras, para responderem cada um, em separado, a uma pergunta que lhes queria fazer um filósofo. Chegado o primeiro, carancudo, amuado, perguntou-lhe logo o filósofo:

— Que fazes? Ao que êle respondendo, disse:

— Eu amasso barro!...

— Vindo o segundo, e feita a mesma pergunta, respondeu, dizendo :

— Ganho meu pão !

— Chegado que foi o terceiro respondeu, sorridente e feliz :

— Eu estou construindo uma catedral !

— Vês ? Hierão ! O que fazia a um feliz, e a outro, angustiado, aborrecido, era só o motivo por que cada um trabalhava. Eis aí os três tipos de trabalhos. O primeiro não vai além de um gesto automático, mecânico, como o de um bruto. É o cego a tactear nas trevas, revoltado contra o mundo e contra Deus. Amasso barro, diz o primeiro, como um animal, para que meus exploradores ganhem, por mim, o seu pão. E assim como eles ganham o seu pão, com o suor do meu rosto, invertidas as posições, eu poderia ganhar o meu com o suor do rosto dêles. Amassando barro, eu pago por um erro do destino que me fêz pobre, quando pudera ser rico, como muita besta que vejo andando por aí. Amasso barro porque Deus é parcial, fazendo-me a mim suar e sofrer, e a outros, gozar e comer do meu suor.

— Idêntica é a situação de Gestas, o ladrão blasfemo e mau, que desafiava a Cristo a que o salvasse de sua cruz, para provar que era Filho de Deus. Acaso (pensava êle, e com razão) Herodes, Pilatos, os Escribas, os Doutores do templo e todos os políticos de todos os tempos não são uns ladrões ? O povo não foi sempre o rebanho tosquiado pelos seus donos ? E, pois, como pode Herodes ser, como eu, uma besta selvagem e feroz, sem que, para êle, haja cruz ? Salva-me, pois, da cruz, ó Cristo de Deus, se é que o és, que se sou porco, é porque êste mundo é um chiqueiro !

— Não seria esta a exegese das palavras do primeiro amassador de barro e das de Gestas ?

Hierão— Nem me pergunteis ! Tocai por diante que estou maravilhado da beleza e do acêrto das vossas ilações !

Árago — Ê que a verdade é bela ; se concordas em que afirmo a verdade, é de consequência natural que tudo sejam belezas. Porém vamos por diante :

— O segundo homem dizia ganhar o seu pão. Como Dimas, reconhece, ês-

te homem, como justo, o seu estado infeliz, pois que, no pão que ganha está todo o motivo do seu labor.

— Vem o terceiro homem, e se diz motivado a amassar o barro, não pelo pão que havia de ganhar dêle, mas pelo ideal de estar construindo uma catedral.

— De maneira que o primeiro homem não sentia paga nenhuma pelo trabalho, por isso que o pão ganho dêle, podia-o ter, sem esforço, como muitos ; logo, se podia ter o pão sem trabalhar, não trabalhava para o ter, senão por u'a maldição de Deus, ou azar do destino. O segundo reconhecia que o pão havia de provir do suor de alguém ; e como não era justo comer do suor alheio, por isso comia do próprio, sendo só êste o motivo de o fazer trabalhar.

— O terceiro homem sabia que seu labor se perpetuaria na catedral na qual se sentiria existir até depois de morto. Os pósteros saberiam que aquelas pedras talhadas foram ajustadas umas às outras com a algamassa que êle amassou. A par desta conquista, haveria a imperecível do aprendizado de um sem número de movimentos e coordenações, que o fariam habilitado a subir do grau de aprendiz para o de mestre-de-obras. Compreendia, êste idealista, que o efêmero amassar do barro, além de lhe dar o pão cotidiano, se perpetuaria na obra acabada, como catedral, no mesmo ponto que se eternizaria em seu espírito como aprendizado.

— Eis aqui o que se chama consciência coletiva, ou amor ao próximo, ou caridade. Caridade não é só filantropia e boas obras feitas por cálculo. E' êste sentimento de célula de organismo, de abelha da colméia. Há muita gente de fé que faz obras filantrópicas ; no entanto não conserta a torneira de sua casa que desperdiça água do abastecimento público, dia e noite. Há os que não ajudam conservar e zelar pelas coisas públicas, só porque não têm sensação de posse sôbre elas. Falta-lhes a integração, a consciência social, que isto sim é amor, é caridade. Tal é como sentia o terceiro amassador de barro, e esta consciência social do trabalho, de valor eterno, lhe dava indizível alegria.

operado, conforme já o atestaram protocolos escritos por «médicos» que foram à cidade de Congonhas do Campo. Opera sem anestesia e sem assepsia aparentes.

Se a testemunha não se der por satisfeita, poderá pedir um diagnóstico e um tratamento para si própria ou para pessoa que o acompanhe, como nós o fizemos.

O espírito atuante procura identificar-se. Seu nome: Adolfo Fritz. Sua nacionalidade: alemã. Naturalidade: Munchen (com a pronúncia exata). Profissão: médico. Médiuns videntes, em várias ocasiões, e separadamente, identificam-no com os mesmos traços físicos.

Há entre nós médicos brasileiros que se formaram na Alemanha. Por que não vão desmascarar a revelação que se faz há 8 anos, em Congonhas do Campo, com fins exclusivos de caridade e de conversão dos materialistas? Não queremos, nem precisamos, que a testemunha se converta ao Espiritismo. Poderá usar a ressalva já consagrada para este tipo de protocolo: «Nunca fui, não sou, nem serei Jamais espírita, mas...»

Pedimos, apenas, que tais peritos atestem, em nome de sua própria dignidade, que os fatos são reais e que o

médium é inocente e... ignorante da medicina.

Essa perícia voluntária evitaria que se consumasse o crime da condenação irracional e ridícula de um médium autêntico (com o qual sonham todos os parapsicologistas universitários dos Estados Unidos e da Europa), médium caridoso e cristão, imune à tentação do dinheiro, sacrificado em todos os seus interesses sociais e materiais.

Eu daria, gostosamente, o resto de tempo de minha vida para presenciar um diálogo, em alemão, sobre assunto estritamente científico, entre o Dr. Adolfo Fritz, através o capiau mineiro Arigó, de letras primárias, e o sábio nacional, diplomado em medicina na Alemanha, atualmente membro de Academias do Brasil (de Medicina e de Letras), o Prof. Silva Mello. Este médico dobrado de metapsiquista defronta-se com o dever duplo—dever de ofício e dever moral—de informar, com a sua observação pessoal, o pobre Juiz que deverá julgar um caso estranho de exercício ilegal da medicina. O Juiz está «in abbis» e só conhece a letra da lei. E a medicina ilegal é notoriamente gratuita e mais eficiente do que a medicina legal.

SERGIO VALLE

Crônica Estrangeira

A MEDIUNIDADE DE UM PADRE CAPUCHINHO

Estudos Psíquicos

O diário «La Razon», de Buenos Aires, publicou em 8 e 10 de Setembro de 1957, uma interessante revelação que causou grande impressão nos leitores.

Trata-se do padre Pio Pietralcina, que na aldeia italiana de S. Giovanni Rotondo (Foggia), onde exerce suas funções eclesiásticas, assombra o povo que acorre em massa para ver os fenômenos de levitação de objetos que se produzem em consequência de sua mediunidade.

Transcrevem-se as palavras do Dr. Domingo F. Bergaglio, testemunha ocular dos acontecimentos:

«O padre dizia missa às cinco horas da manhã, e uma hora antes já o templo estava repleto de fiéis de todas as partes do mundo: alemães, espanhóis, italianos, ingleses, norte-americanos, canadenses e franceses. Para celebrar, despoja-se das ligaduras que lhe cobriam as mãos e os braços e então pôde-se lhe ver as chagas das mãos — eu pude tocá-las — eram feridas de dois centímetros de diâmetro que lhe trespassavam as palmas das mãos de um a outro lado. A missa durou uma hora e meia, porque de vez em quando caía em transe durante o qual se elevava do solo cerca de meio metro. No momento da consagração parece lutar com um inimigo invisível, que procura apartar de si resolutamente. Pronuncia palavras em hebraico, em grego e em ita-

liano e ouve-se-lhe dizer entre lágrimas e suspiros: «vai, vai daqui». Nota-se-lhe o cansaço mas, não obstante o profundo esgotamento, seu semblante reflete o homem feliz».

O Dr. Bergaglio que teve a honra de ser recebido pelo frade na própria cela, disse que é um homem de 64 anos, de compleição robusta, estatura elevada e belo caráter. «Desde 1918 que tem nas mãos, pés e costas os estígmata das chagas de Cristo. Eu as vi e as toquei.»

E concluindo o Dr. Bergaglio acrescenta:

«Ao ver-me fixou-me os olhos e ante o meu assombro, descreveu a minha vida, desejos e preocupações. Mostrei-lhe a fotografia de um jovem italiano que tinha ido para a guerra havia doze anos e do qual não se tinha notícias. «Vejo-o, abençoo-o — disse o padre —. Diga a sua mãe que reze, que reze muito por êle. Está tuberculoso na Rússia, mas regressará dentro em breve». E, realmente um mês depois, chegava Arturo Tovella — o jovem de quem falamos — procedente da Rússia em companhia de 1.500 prisioneiros italianos. A minha conversa com o padre Pio teve lugar no dia 2 de Março e Tovella voltou a casa em meados de Abril, com a doença indicada».

Contam-se maravilhas dêsse grande médium, entre elas curas surpreendentes realizadas com extrema facilidade.

Tal como o dom das línguas como falava Paulo, o espírito tem o poder de curar e muitos outros, mesmo entre os missionários presos ao dogma.

Não sabemos se sobre aquêlê sacerdote terá caído anátema e se o afastaram de San Giovanni.



UM CÃO MÉDIUM VIDENTE

Se o homem é para si mesmo um desconhecido, como o afirma Alexis Carrel, como será êle para os animais?

A inteligência, o sentimento e até as faculdades supranormais, neles se revelam tão semelhantes a seus «irmãos superiores», que êstes chegam, felizmente, a olhá-los com mais atenção e carinho.

Vejamos o que «Pictoral», nos diz

acerca de um interessante cachorro:

Mme. J. M. Simpson, residente na rua Charles, em Dum-Jerline, contou que quando ela estava em sua casa de campo, observou que seu cão ficou agitado, com o pêlo iriçado, enquanto a porta se abria lentamente.

Os olhos do cão pareciam seguir alguma coisa que vinha da porta e se dirigia para um lugar oposto àquêle onde estava Mme. Simpson.

O cão mostrava-se grandemente amedrontado e escondia a cabeça no regaço da senhora.

No dia seguinte Mme. Simpson soube que um homem tinha morrido ali, onde o cão teve a referida manifestação, aproximadamente há quatro anos atrás.

A propósito de cães, Philipp Rowe, de Folkestone Road, Hom, contou uma história que aconteceu a seu pai.

O Comissário Rowe trazia sempre consigo o seu cão. Tôda a vez que êste avistava certa sepultura no cemitério, mostrava evidentes sinais de terror.

Nunca conseguiram que o cão passasse diante dessa sepultura, não obstante ser o animal dócil e obediente.



UM AVISO DE MORTE

Your Fate, de Junho último, publica o seguinte relato devido à pena de um colaborador, cujo nome se encontra arquivado na respectiva redação:

«Na madrugada de 17 de Setembro de 1917, minha mãe acordou a gritar. Despertámos assustados e corremos a ver o que era. Explicou então que sonhara com seu filho Harry, morto por uma bala e a gritar: «Mamã! Mamã!»

«Harry lutava no Corpo Expedicionário Americano em França e minha mãe ficou tão combalida, que chamámos o médico. Apontámos, entretanto, a hora e o dia.

«Duas semanas depois minha mãe recebeu um telegrama do Ministério da Guerra, notificando-lhe a morte de Harry, em combate, no dia 17 de Setembro.

«Um ano passou, quando um amigo de Harry visitou minha mãe, dizendo que êle tinha morrido numa árvore, e que, momentos antes, exclamara:

«— Mamã! Mamã!...»

De «Estudos Psíquicos»

Espiritismo no Brasil

Americano ilustre conta a vida de Lincoln

Apesar do violento temporal que se abateu sobre Duque de Caxias-RJ no dia 12 de fevereiro último, que deixou a cidade parcialmente sem luz elétrica, foi magnífica a solenidade realizada na sede da Associação Comercial e Industrial da cidade para comemorar o aniversário de nascimento de Abrahan Lincoln, Patrono da Escola primária gratuita fundada pela Associação Espírita Cairbar Schutel.

A solenidade foi programada para a sede da Associação Comercial em virtude de o salão da Casa de Cairbar ainda encontrar-se em fase de acabamento. Teve como orador o dr. Leopold Arnaud, Adido Cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América, que além das altas funções diplomáticas que exerce, há dois anos, no Brasil, é também professor de arquitetura nos Estados Unidos.

Assim como da espôsa do orador, sra. Blanchete Arnaud, tomaram parte na comitiva os srs. James Philips, representante da Braniff no Brasil; Clark Kuebler, Presidente da Cia. Nacional de Cimento Portland e Finn Engersen, Presidente da Standard Brands do Brasil.

O confrade Ademar Constant recepcionou a comitiva com um jantar e levou os visitantes às obras do edifício-sede da Associação C. Schutel. Seguidamente, rumaram para a Associação Comercial, onde o dr. Arnaud proferiu sua palestra em português, idioma que juntamente com o italiano, espanhol, francês, inglês e alemão, domina perfeitamente.

Presidiu a solenidade o Prefeito Adolpho David, que falou exaltando o esforço do confrade Ademar Constant como realizador de tão extensa obra filantrópica. Pela Câmara Municipal falou o sr. Sandy Coutinho, vereador e autor da lei que considerou a Assoc. Esp. C. Schutel de utilidade pública. Pelas associações kardecista de Caxias falou o sr. Titero de Andrade Teles, tendo o sr. Ademar Constant agradecido as homenagens e as provas de solidariedade de

todos os presentes. A solenidade foi encerrada quando a srta. Maria de Fátima Alves ofertou à d. Blanchete Arnaud um «bouquet» de lindas flôres, como homenagem da mulher caxiense, gesto que foi coroado com prolongada salva de palmas.

Ademar D. Constant

Caxias. 4/3/1962

DE PRESIDENTE PRUDENTE

Construção do Sanatório «Allan Kardec»

A Associação Regional Espírita de Assistência da 25.^a Região, sediada nesta cidade, iniciou dia 3 de Janeiro do corrente ano a construção do Sanatório Allan Kardec, cujo andamento prossegue em ritmo acelerado.

O referido Sanatório que abrigará 200 doentes mentais pobres, deverá ser inaugurado, o mais tardar, em Janeiro de 1963.

A comissão encarregada da construção é constituída pelos confrades: Dr. Pedro Furquim, Miguel Fernandes, Dr. Aurelio Martins da Costa, Bruno Mancini, Pedro Jorge de Paula, Geraldo Bueno de Campos e Heitor de Miranda Silva.

EXCURSÃO DE PROPAGANDA

O nosso esforçado companheiro, Newton Boechat, continua incansável no seu roteiro de conferências de propaganda, tendo pronunciado, durante os meses de abril e maio, mais as seguintes:

Dia 30 de abril—no Grêmio Espírita Fabiano, Meier, Guanabara;

Dias 5 e 6 de maio—Brasília, (DF.);

Dia 12 de maio—Barra do Piraí (RJ);

De 4 a 15 de Junho —falará em 5 cidades catarinenses, sendo Joinville a cidade coordenadora.

Nosso Representante no Rio de Janeiro

Recebemos carta do nosso esforçado confrade Antonio Pereira Guedes, representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», no Rio de Janeiro, comunicando-nos que, por motivo de enfermidade, não pode mais continuar nesse trabalho e na impossibilidade de encontrar um cobrador, visto serem muito dispendiosas as viagens e frequentemente em pura perda, devido à ausência dos assinantes em suas residências, solicitamos aos mesmos, o obséquio de procurá-lo em sua residência, à Rua Haddock Lobo, n. 419-A, Casa XXXVII — térreo, para efetuarem os respectivos pagamentos de seus débitos.

Propomos também aos que quiserem remeter diretamente à Redação as importâncias de que são devedores, descontar o respectivo porte do valor declarado.

A todos nossos assinantes, desde já, os nossos agradecimentos.

«A Casa de Saúde «Allan Kardec»

é reconhecida de utilidade pública pelo Governo do Estado de S. Paulo

Temos a satisfação de informar aos nossos leitores, amigos e interessados em geral, que por Decreto do ilustre Sr. Governador do Estado de São Paulo, Prof. Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto, datado de 16 de Janeiro de 1962, foi a fundação Casa de Saúde «Allan Kardec», desta cidade, reconhecida de Utilidade Pública, conforme abaixo transcrevemos:

«LEI N. 6.739, de Janeiro de 1962 — Declara de Utilidade Pública a Fundação Casa de Saúde «Allan

Kardec», com sede na cidade de Franca.

O Governo do Estado de São Paulo: Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — E' declarada de utilidade pública a Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec», com sede na cidade de Franca.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 16 de Janeiro de 1962.

(a) — CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO.

(a) Antonio Queiroz Filho.

Publicada na Diretoria Geral da Secretaria de Es-

tado dos Negócios do Governo, aos 16 de Janeiro de 1962.

(a) — João de Siqueira Campos — Diretor Geral Substituto.

Na oportunidade da publicação do Decreto acima, do ilustre Sr. Governador de nosso Estado, que foi para nós motivo de muita satisfação e reconhecimento, queremos de público agradecer também ao ilustre Deputado francano, Dr. Onofre Sebastião Gosuen, autor do projeto em referência à Lei n.º 6739, de 16 de Janeiro de 1962, que reconhece a Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec» como de utilidade Pública, pois foi êsse realmente um ato de justiça de S. Excia. o Governador, o qual foi possível, com a cooperação eficiente dêsse prezado amigo e nobre Deputado, que jamais negou sua colaboração ao programa da Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec» e a outros Departamentos Assistenciais de nossa cidade.

Ao Prof. Carvalho Pinto e ao Dr. Onofre Sebastião Gosuen, nossos agradecimentos, agradecimentos êsses que fazemos não só em nome da Fundação Casa de Saúde «Allan Kardec», como também em nome de tãda Família Espírita de Franca.

De «A Nova Era», de Franca, de 31-3-962.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira
Súmula da ATA da reunião mensal realizada em 7 de Abril de 1962

À hora regimental, com elevado número de Conselheiros presentes, profere o Presidente do Conselho a prece

inicial e declara abertos os trabalhos. Em palavras sentidas, comunica a desencarnação, em Belo Horizonte, do confrade Bady Elias Curi, Presidente da União Espírita Mineira, enaltecendo o valor de seu trabalho constante e profícuo em prol da Doutrina e sua cooperação constante com a Federação Espírita Brasileira. Presentes os confrades Dr. Jonas Barbosa, Presidente da União

Espírita Paraense e Heli Rocha Werneck, Vice-Presidente da Federação Espírita do Piauí, o Presidente os saúda em nome do Conselho, agradecendo-lhes a presença. É lida e aprovada pelo Conselho a ATA da reunião anterior, e, no expediente, comunicação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, da eleição de sua nova Diretoria, para o período de 1962 a 1964.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO — O Presidente apresenta ao Conselho e empossa, como representante da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, o confrade Dr. Floriano Moinho Peres, Presidente da mesma Federação.

PIAUI—O Vice-Presidente da Federação Espírita do Piauí agradece a saudação recebida e relata o grande desenvolvimento do Espiritismo em seu Estado.

SÃO PAULO — O Presidente da USE, de São Paulo, lê para o Conselho a Ata lavrada em Belo Horizonte e assinada por diretores da «Oscal» e da USE, êsses últimos como delegados do C. F. N., ata que foi aprovada pelo Conselho e por êste encaminhada à Diretoria da FEB.

Com a prece final, feita pelo representante da Federação Espírita de Sergipe, encerra o Presidente a reunião, às 16 horas.

1.º CONGRESSO DE CEGOS ESPÍRITAS

De acôrdo com o programa que fôra divulgado, realizou-se no Rio de Janeiro, de 18 a 22 de abril, o 1.º Congresso de Cegos Espíritas. Compareceram muitos cegos, inclusive delegações de alguns Estados, como Bahia, Paraíba, Minas, Estado do Rio. A sessão solene e a de encerramento foram muito concorridas. Todos os atos foram presididos pelo confrade Luiz Antonio Mileco (cego) e presidente do Congresso, tendo sido coordenador dos trabalhos o Marechal Mário Travassos, na qualidade de Secretário Geral. Foi escolhido *patrono*

do Congresso o General Dr. Duque Estrada, presidente da Cruzada dos Militares Espíritas. Como homenagem especial, foi aclamado prèviamente *Presidente de Honra* o Dr. Raimundo Fontes Lima, Diretor do Instituto Benjamin Constant, onde se instalou o Congresso. Apesar de não ser espírita, mas católico praticante, o ilustre Diretor do Instituto prestigiou o Congresso com a sua presença, o que causou ótima impressão.

Fêz a saudação aos congressistas, no dia da instalação, o Prof. Ismael Gomes Braga, que, como representante da Federação Espírita Brasileira, falou em nome de tôdas as instituições presentes. A conferência da noite foi pronunciada pelo Prof. Carlos Pastorino. Houve, a seguir, reunião de debates, palestras etc. Foram apresentadas oito teses, tôdas elas muito interessantes, dando motivo a discussões doutrinárias de indiscutível proveito para os estudos do Espiritismo.

A sessão de encerramento, no dia 22, pela manhã, foi também muito concorrida. Nosso confrade Deolindo Amorim, Secretário Geral da Liga Espírita do Estado da Guanabara e Presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, fêz uma palestra sôbre «A influência da Doutrina Espírita no comportamento do cego». O nosso confrade José da Mata Bonfim (cego), de Campina Grande, Paraíba, proferiu o discurso de despedida, em nome dos congressistas. Usou da palavra também o General Duque Estrada, tendo o Diretor do Instituto Benjamin Constant encerrado a solenidade com um pequeno, mas oportuníssimo discurso de improviso. Houve declamações e, por fim, prestou-se homenagem ao espírito de Leopoldo Machado, entoando-se, de pé, a «Canção da Alegria Cristã». A Comissão permanente deverá providenciar oportunamente a publicação dos Anais do Congresso, com as teses apresentadas, pareceres, adendos etc. Ao encerrar-se o Congresso, cantou-se a «Canção da Alegria Cristã» e prestou-se homenagem ao grande e inconfundível propagandista espírita Leopoldo Machado, por proposta do Dr. Moreira Guimarães.

Tôdas as vêzes que sentires o aguilhão do sofrimento, pára, medita e ora. Há muitos, muitos mesmo, que sofrem bem mais do que tu. Lembra-te sempre disto.

Obras mediúnicas recebidas pelo médiun Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Seara dos Médiuns
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
Lázaro Redivivo
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
O Evangelho em casa
O Espírito da Verdade
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuniíssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinamentos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr\$. 200,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de toda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.\$ 220,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL
AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr. \$250,00

Semestre — „ „ 130,00

NÚMERO AVULSO CR. \$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

